

# A ILLUSTRAÇÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno. . . . . 45000 réis.

N.º 49 — VOL. II.

PROVINCIAS: — FRANCO — Anno. . . . 45300

Numero pago á entrega. 5090

Sabbado 1 de Dezembro de 1858.

Ultramar e estrangeiro (moeda forte) . . . 55000

## Summary.

ARTIGOS: — Historia da actualidade — Galeria historica, continuação — Empresas de Tanger, continuação — A cidadella ou acropolis d'Athenas — O rhinoceronte ou abada — Bouddhismo conclusão — O casamento ou compra do cavallo — Que fizeste!  
GRAVURAS: — Jaques de Maillé — Capella do Fundador na egreja da Batalha — Tumulos dos infantes D. Fernando, D. João, D. Henrique e D. Pedro — Rhinoceronte ou abada — O acropolis ou cidadella de Athenas.

## Historia da actualidade.

Sua magestade el-rei o Senhor D. Pedro v felizmente está melhor do incommodo de saude de que foi affectado. Já se levantou da cama; e por tão fausto acontecimento tem sido comprimentado por todas as classes da nação.

— Alguns subditos britannicos, residentes em Lisboa, tencionam fazer dar uma representação em inglez, no theatro do Gymnasio sob a protecção d'elrei o Senhor D. Fernando, em beneficio dos pobres que soffreram com o tremor em Setubal. Hade ter logar na terça feira 14 do corrente mez.

— O caminho de ferro de Lisboa a Santarem tem soffrido, com as cheias, lamentosos estragos. Ainda esta semana desabou parte do terreno no sitio de Val de Meio, o que impediu a viação.

— O vendaval d'esta semana, e da passada, derrubou varios postes do telegrapho electrico, e em consequencia da cheia quebrou-se o fio submarino que atravessa o Tejo em frente de Villa Franca.

— As aguas que ultimamente tem caído não feito prejuizos de monta, não só nos predios que ficaram combalidos do tremor do dia 11 do passado, como nos campos. A grande chuva da noite do dia 22 causou completa inundação nos sitios de Bemfica.

— O instituto industrial de Lisboa tem feito de despeza nas

suas officinas desde a sua criação até hoje, a somma de cincoenta e dois contos trezentos vinte e seis mil novecentos e vinte sete réis. N'estes cinco annos o estado tem contribuido unicamente com a quantia de oito contos trezentos trinta e um mil quatrocentos e oitenta réis.

— No domingo 21 do passado, depois da missa do dia, cantou-se nas parochias d'esta capital um *Te Deum* em acção de graças de se haver escapado ao perigo do tremor do dia 11.

— Ha tempos que se evadiram, como dissemos, quatorze presos da praça de Valença. Dez dos fugitivos já foram apprehendidos pelas autoridades.

— Espera-se que tenha logar em Praga, por

ocasião da inauguração da estatua de Radetzki, uma entrevista entre o principe regente da Prussia e o imperador Francisco José.

— Restauraram-se as fortificações de Pey-Ho, destruidas pelos alliados.

— Vae ser augmentado o orçamento da guerra e marinha na Prussia.

— Trata-se de celebrar um novo tractado de commercio entre a Austria e a Russia.

— Uma proclamação do ministerio da guerra em Londres annuncia que passa de seis mil o numero de desertores da marinha e exercito britannico.

— Tiveram logar esta semana, no templo de Nossa Senhora dos Martyres, as orações funebres pelos irmãos finados da irmandade de Santa Cecilia.

— A Inglaterra vae ser ligada com a Alemanha por via de um novo cabo submarino.

— Está a ponto de dar á vela a esquadra que de Hespanha se dirige ao Mexico.

— Alguns negros que na qualidade de emigrados se dirigiam da ilha da Reunião assassinarão o capitão e a tripulação do navio *Anna*.

— O general Casanova, commandante das forças de Guadalajara no Mexico, foi derrotado pelo general Degollado, perdendo toda a artilharia e munições. De mil homens que compunham a sua força, só lhe ficaram duzentos.

— O principe de Monaco vae ceder á Russia todo o territorio do seu principado, mediante uma compensação pecuniaria.

— Em commemoração do sitio de Sebastopole, ordenou o imperador da Russia que se levante n'esta cidade um sumptuoso templo. O portico, altarmôr, e todo o interior da capella será de marmore rosa.

— Em Manchester celebrou-se um grande meeting em favor do suffragio universal.



Jaques de Maillé.



— Os hespanhoes e francezes já principiaram as operações na Cochinchina, e apossaram-se de Torane. O almirante Rigault de Genilly enviou duas peças tomadas n'este ponto, uma para o imperador dos francezes, e outra para a rainha de Hespanha.

— Em Vianna do Castello esteve completamente interrompido o transitio nas ruas em o dia 21 do passado, em consequencia da grande trovoad e chuva que ali caiu.

— No Porto tambem o temporal tem causado estragos.

— O trajecto dos caminhos de ferro inglezes, autorisados pelo parlamento, desde a sua origem até ao anno passado, é de quinze mil trezentas trinta e uma milhas.

— O Marquez de Westminster, um dos proprietarios mais ricos da Inglaterra, desfructa o rendimento annual de mil e oitocentos contos de réis!

— Na Nova Orleans desde meados de Junho até Setembro, morreram, da febre amarella, duas mil seiscentas e trinta pessoas. Neste periodo abandonaram a cidade perto de trinta mil almas.

— O governo francez vai com toda a brevidade enviar para Roma mais tres mil soldados.

— Chegaram a Cadiz, para o governo hespanhol, seis mil onças de ouro, procedentes de Malilha.

### Galeria historica.

SALADINO.

Continuação.

N'esta guerra distinguiram-se as ordens do Templo e de S. João. Estes cavalleiros, segundo a expressão de Walter Scott, fizeram com os seus corpos o baluarte perpetuo da Terra Santa. Em 1187 fizeram frente, sós, a um exercito formidavel, que, avançando pela Galiléa, vinha ameaçar Jerusalem: n'essa gloriosa batalha, em que todos elles succumbiram, distinguuiu-se um cavalleiro franco, Jaques de Maillé, que, tendo ficado só no campo, rodeado de cadaveres, ameaçado pelos vencedores, recusou entregar a espada. Em presença da coragem e atrevimento com que este cavalleiro isolado fazia frente aos esquadrões da cavallaria musulmana, os infieis tomaram-no por S. Jorge que viera, á voz dos templarios, para vingal-os. Por muito tempo, ajudado pela impressão que produzia no animo dos infieis, conseguiu aquelle cavalleiro sustentar o importante papel que ali representava, vingando os seus confrades; mas as forças abandonaram-no, o cavallo caiu-lhe, e a espada partiu-se-lhe na mão. O martyr morreu.

Pouco tempo depois d'esta batalha, onde ficou inteiramente extincta a cavallaria templaria, teve lugar o encontro decisivo das forças christãs e musulmanas, no dia 2 de Julho de 1187. A memoria d'este conflicto ter-se-lia perdido na noite dos tempos, se não fosse um autor arabe, secretario de Saladino, a cujo texto nos referimos. « Os cavalleiros christãos não caíam senão depois de terem ceifado ao redor de si fileiras inteiras de defensores do islamismo. » O que basta para desenharem todas as proezas d'esses heroes!

Depois d'esta batalha, que esperanças restavam aos habitantes de Jerusalem? Em menos de dois mezes toda a Palestina estava invadida. Ascalão, essa praça importante que custara ás forças christãs quasi meio seculo de trabalhos e sacrificios, caiu em poder dos infieis, e de depressa estes, ufanos das suas conquistas, fizeram tremular os seus victoriosos estandartes em frente dos muros da cidade santa.

Os christãos já não podiam defendel-a. Resistir era jogar a vida sem esperança alguma de ganhar: assim mesmo defenderam a praça. Até as mulheres e as creanças disputavam ao feroz inimigo da christandade o sepulchro do Redemptor; mas no fim do quinto dia de combate, Saladino, cansado d'aquella inutil e pertinaz resistencia, mandou minar a porta de Jozaphat, e no momento em que os defensores, distraídos em um ataque simulado ás muralhas, se empenhavam em repellar os aggressores, a mina rebentou, e a porta voou em peda-

ços, expondo a cidade ao insulto das cohortes inimigas. A conquista porém não estava feita: aquella entrada tinha sido fortificada por dentro, e os christãos tiveram tempo de correr ao ponto ameaçado pela invasão barbara.

Entretanto espalhou-se no exercito infiel, chegando aos ouvidos de Saladino, que os christãos tinham minado parte da cidade para sepultarem nas ruínas o vencedor. A noticia era aterradora. Saladino, sem que mostrasse dar-lhe importancia, e como para poupar os defensores aos perigos a que os expunha a pertinacia, propoz-lhe a capitulação. As condições eram favoraveis: os homens pagariam de resgate dez peças de ouro; as mulheres cinco, e as creanças duas, e retirar-se-hiam a Tyro em vinte e quatro horas.

Defender a praça era inutil: as forças christãs não estavam em estado de resistir por mais tempo; portanto, o tratado foi accete e a cidade entregue a Saladino.

Chegara o dia em que os christãos tinham de abandonar Jerusalem para sempre! Saladino, sobre um throno levantado junto da porta de David, preparava-se para os ver sair, regosijando-se das lagrimas com que os vencidos escreviam nos fastos do Oriente a gloria do vencedor. D'esta vez não havia offensa a vingar: Saladino mostrou então os bons sentimentos que até ali lhe dormiam n'alma. A vista da rainha de Jerusalem, que caminhava descalça e com os cabellos soltos, seguida pelas tristes viúvas dos martyres da religião, o heroe commoveu-se e mandou dar a liberdade a todos os valentes soldados que tinham, durante as ultimas pelejas, ficado prisioneiros: permittiu aos vencidos levarem as suas bagagens, e ao clero retirar-se professionalmente, conforme o preceito da egreja, de cruz alçada.

N'um mez se operou a metamorphose da cidade. As mesquitas, que os christãos tinham sagrado, foram purificadas e entregues ao culto mahometano; o exercito reorganizado, as grimpas christãs destruidas, e a meia lua arvorada em todas as torres da cidade.

No anno seguinte, Saladino conquistou todas as cidades christãs da Phenicia e do principado d'Antiochia; preparando-se para atacar tambem Tyro, Tripoli, e todas as outras praças importantes onde os christãos se tinham refugiado. Com estes ultimos golpes ficava a cruzada inteiramente destruida. Saladino não acreditava que o Occidente tornasse a organizar outra, em presença dos infructiferos trabalhos da precedente, e da nova face politica dos seus estados; e esta persuasão contribuiu para a gloria das armas christãs. A narração das desgraças dos christãos no Oriente, inflammou os animos em todo o Occidente.

A França, a Alemanha, a Inglaterra e a Italia, despertadas ao clamor das desgraças que os christãos soffreram no Oriente, e mais do que isso despeitadas pela perda da cidade santa, pouco tempo concederam de gloria ao temível Saladino.

Em breve Ptolomeu viu diante de si o formidavel exercito onde fluctuavam as bandeiras d'aquellas quatro potencias, composto d'esquadrões cobertos de ferro, que, na phrase de um escriptor musulmano, se assimilavam a um bando d'aves de rapina que a fatalidade transformava na pelaja em leões indomaveis.

Em presença da quadrupla aliança, de que nascia a nova cruzada, o exercito de Saladino perdeu parte da força moral. Houve divergencia de pareceres entre os principaes chefes e emires, acerca do modo de lhe resistir, e n'essas duvidas viam os soldados o perigo da situação, mais claramente do que convinha. A maioria propunha que se retirassem em frente das forças inimigas, e buscassem concentrar-se em um ponto que lhes offerecesse maiores vantagens pela difficuldade dos ataques. Esta proposta, porém, que contradizia a politica de Saladino, foi por elle escarnecida, e os seus autores accusados de infidelidade aos interesses do throno. Se não sou já digno da vossa confiança, emires, — disse elle — arrene a bandeira que pelas vossas mãos hasteastes elevando-me ao throno! Fizestes-me vosso chefe, e eu glorio-me da minha elevação sobre vós porque vos considero grandes; mas se por um acto de fraqueza desmentis essa grandeza, procura quem venha tomar as

redes do estado, porque eu não sei governar senão homens!

A energia de Saladino devia preparar maior gloria ás armas dos cruzados. Os annaes do Oriente não seriam dignos da admiração dos seculos, se entre os infieis não tivessem apparecido vultos gigantescos e caracteres energicos como o d'aquelle principe, que os proprios christãos admiravam tanto na politica interior dos seus estados, como na audacia reflectida dos seus feitos d'armas no campo de batalha.

Como dissemos, Saladino fallara aos seus emires; e elles, como que envergonhados da propria fraqueza, assentaram seguir a politica do homem que tinham elevado ao poder.

O dia 4 de Outubro de 1189 assignalou o encontro das forças infieis com as christãs nos planos de Ptolomeu. N'esta batalha, mais do que em qualquer outra, deu Saladino brilhante exemplo da sua reflectida coragem de soldado, e habil intelligencia d'estadista. Segundo o comportamento d'este principe n'aquelle memoravel dia, podemos suppor que faria o seguinte raciocinio: — Que depois de tantas luctas, em que a flor da cavallaria templaria succumbira, e em que a Europa perdera muitos milhares de soldados de todas as classes, e compromettera os seus principaes chefes: não era provavel em tão pouco tempo ter organizado um novo e tão grande exercito senão de homens pouco disciplinados e não afeitos aos combates, que, por consequencia, não podiam fazer uma opposição systematica, nem portar-se com a fria intrepidez de verdadeiros soldados em presença das variadas faces que a estrategia podesse apresentar-lhes.

O numero pois do pessoal inimigo não fez a menor impressão em Saladino; mas este raciocinio, se o fez, não foi communicado aos chefes; pelo contrario, quanto é capaz de infundir a mais viva persuasão de respeito ás forças inimigas expendeu elle, pelas suas observações, no momento de lhes delinear o plano d'aquelle ataque.

Deu o commando da vanguarda do seu exercito aos emires em quem menos confiança depositava, quasi todos os autores da proposta de que acima fallamos. A estes chefes entregou forças menos regulares, compostas dos soldados que formavam o partido politico d'elles; e assim determinada, com apparencia de grande confiança, a vanguarda do exercito, calculou Saladino em segredo duas coisas importantissimas: enganar o inimigo, e desfazer-se dos seus contrarios politicos, que já principiavam a formar partido ao redor do throno.

Para melhor os illudir, e mostrar-lhes que do primeiro golpe desejava exterminar o exercito christão, o principe appareceu entre elles, fazendo até injustiça aos seus amigos no modo porque compoz o pessoal do seu sequito.

Na vespera do combate appareceu um infiel no campo dos christãos, dizendo-lhes que a flor das tropas de Saladino marchava na vanguarda, e gahando o luxo e riqueza dos seus atavios, sem esquecer o valor dos objectos que existiam no acampamento.

O exercito christão era, como Saladino previra, composto de soldados inexperientes, e sem disciplina: peregrinos que de todos os principaes pontos da Europa tinham corrido a alistar-se nas bandeiras da cruzada, movidos mais pela ambição do que pelo piedoso pensamento de resgatarem das mãos dos infieis o sepulchro do Homem Deus. Os cavalleiros das tres ordens do Templo eram os unicos soldados de confiança entre aquella multidão. Estes valentes guerreiros estavam divididos pelas diferentes ptalanges do exercito, como se se tivesse tratado de o animar com o exemplo d'elles, na occasião do combate.

Os dois exercitos encontraram-se finalmente. O choque foi terrivel. A vanguarda do de Saladino empenhou-se na lucta, e, com o instincto da propria conservação, fez prodigios de valor; o principe, no seu bello cavallo de batalha, dava-lhe o exemplo; mas o numero dos christãos era tal; os peões, desorganizando as suas cohortes, e derramando-se á toa pelo campo, tornaram a acção tão irregular, que os infieis em breve se viram como que esmagados, sem esperança alguma de defesa, no meio d'aquella nuvem de homens, que a ambição apenas animava. Saladino, vendo a vanguarda disper-



sa e os christãos vencedores, abandonou-lhes o campo.

O exercito christão estava tambem disperso; os clarins em vão chamavam ás fileiras os soldados que a ambição parecia cegar. No meio d'aquella infernal desordem, Saladino, á frente da sua boa cavallaria, volta, e acutifa sem piedade esses soldados que pareciam um bando d'aves de rapina, correndo desvaireados de tenda em tenda, carregados com o despojo dos vencidos. Do exercito christão, só os chefes lhe fizeram frente, e os templarios que sustentaram o imprevisito ataque dos terriveis mamelucos; mas a questão era então de numero: as forças de Saladino cresciam; o espirito de partido, o prestigio do chefe, e a idéa da religião, concorriam para dar a cada um dos guerreiros a importancia de tres ou quatro. Recuando e caindo, foram os templarios cedendo, e regando ainda a terra que tanto sangue custou á Europa.

Saladino procura o grã-mestre, reconhece-o pelo manto de purpura, e offerece-lhe combate. Os dois campeões pelejaram; eram as duas metades do mundo que se chocavam, e de tal choque dependia pelo menos o destino do Oriente. A lança partiu-se nas mãos do grã-mestre; a espada nem lhe chegou a sair da bainha, porque a cimitarra de Saladino estava-lhe já sobre a cabeça. Entretanto o heroe christão não quiz ceder: Saladino não pensou em matar ali aquelle homem cuja morte podia ser um espectáculo edificante para todo o Oriente; retira a cimitarra, e o combate continuou, mais terrivel do que nunca; os ferros falcavam; cavallos e cavalleiros estavam cobertos de espuma ensanguentada. Saladino ia arrepender-se talvez do seu procedimento; mas tendo com um golpe terrivel e desesperado desarmado o seu inimigo, ficou este inteiramente ao seu arbitrio.

No dia seguinte, a nossa religião contava mais um martyr: a fé catholica mais um triumpho.

Depois d'esta batalha, Saladino retirou-se para as montanhas de Karuba. O seu exercito tambem ficara em deploravel estado; além d'isso, as feridas que recebera reclamavam tratamento, e o repouso tornava-se urgente ao principio.

Durante este tempo, os christãos, a quem a esperanza nunca abandonou n'aquellas epocas, fortificaram-se nos pontos que mais segurança lhes offereciam pela sua posição maritima.

Enviaram emissarios á Europa, e a Europa continuou a preparar-se para tentar nova invasão. Saladino, no seu leito de dôr, desasosegava-se pelos trabalhos de fortificação dos christãos, e calculava os preparativos que tinham logar na Europa, lembrando-se do misero estado a que o seu exercito estava reduzido.

Nesta situação, era preciso dar aos emires o exemplo que lhes exigira antes da batalha de 4 de Outubro; e Saladino não podia, para lhes pagar essa divida, senão sollicitar o auxilio do sultão de Bagdad, porque não tinha outro recurso; triste na verdade para quem fizera tremer todo o Egypto, e empallidecer os sultões sobre os seus thronos, com a queda mysteriosa de Neureddino!

« Que será do islamismo, dizia elle áquelle sultão, se vós, que tendes o sangue do propheta, não prestardes o auxilio que reclamo contra as cruzadas, que em breve invadirão esse territorio?»

Apenas o estado de saúde lhe permittiu montar a cavallo e empunhar as armas, Saladino, em quanto esperava o auxilio, entreteve o resto do seu exercito em continuos ataques ás fortificações dos christãos; mas não tardou que os reis de França e de Inglaterra, á frente de exercito melhor organizado, se apresentassem a ameaçar a segurança e a ambição de Saladino. Este retrocedeu na sua marcha e no seu plano. Tornou a entrar nas montanhas de Karuba, e d'ali escreveu ao sultão de Bagdad uma carta onde se achava o seguinte trecho, que desenha perfeitamente a sua posição:

«... os christãos estão constantemente recebendo novos soccorros; quando um succumbe em terra, chegam mil por mar. Esta arvore lança tantos ramos que não chega o ferro nem o tempo para os cortar. Vós que sois do sangue do propheta Mahomet, deveis n'esta circumstancia fazer o mesmo que elle próprio teria feito se estivesse entre o seu povo!»

O desespero de Saladino alterou-lhe a saúde. A

tomada de Ptolomen pelos christãos transtornou-lhe todos os planos que em silencio tinha formado: não lhe restava outro recurso para evitar o progresso da conquista dos christãos senão lançar entre elles a discordia por meio de habeis agentes, que lá iam derramar falsas noticias a seu respeito. Assim mesmo, Ricardo Coração de Leão marchou contra Jerusalem, e, n'uma batalha dada nos plainos d'Arzur, Saladino ficou vencido. Valeu-lhe então a inveja que entre os christãos principiava a despertar a gloria d'aquelle rei, e as dissensões que os agitavam dividindo-os, e por consequencia roubando-lhes a força moral. Ricardo, que calculava a situação, quiz capitular; porém quanto mais manifestava esse desejo, tanto menos disposto se mostrava Saladino, dando assim tempo para esperar o soccorro de Bagdad.

O soccorro porém não chegava; pelo menos não vinha com a pressa que Saladino pretendia. A capitulação de que fallámos em um artigo precedente foi accete, e Jerusalem de novo abriu as portas aos christãos, que o príncipe infiel cavalleirosamente recebeu, dando-lhes garantias de segurança individual no agasalho que lhes prestou.

A paz devia durar seis annos. Saladino licenciou o seu exercito; contando, ao expirar o prazo, reorganisal-o para extinguir as colonias christãs. Antes, porém, d'este tempo, foi cortado o fio dos seus gloriosos dias.

Saladino retirou-se para Damasco afim de entregar-se aos cuidados da medicina; mas a doença, agravada pelos desgostos moraes, foi tal que em oito dias o roubou a esse throno, que fôra o alvo das suas vistas ambiciosas.

Saladino quiz ao expirar que lhe trouxessem a pedra sobre a qual mandara gravar este epitaphio — «Aqui jaz o corpo do grã-visir Saladino inimigo dos christãos.» N'este epitaphio estão determinadas as duas grandes paixões que odinaram: a ambição e o odio contra a christandade.

Segundo o arrazoado de um escriptor francez que cita algumas palavras d'aquelle príncipe a respeito das cruzadas, vemos claramente que os seus projectos eram ainda mais vastos do que podemos deprehender da historia. Saladino tinha concebido a conquista da França e da Italia. O golpe decisivo com que pretendia extinguir os christãos na primeira batalha que lhes offereceu, era com o sentido de poder empregar o exercito n'essa grande expedição que projectava. Felizmente as cruzadas entretiveram-o mais tempo do que lhe convinha; e a esse respeito disse Saladino estas palavras que confirmam a nossa supposição «Todas as cruzadas abortaram e todas tiveram bom exito. Abortaram porque o santo sepulchro ficou em poder de Saladino; tiveram bom exito porque o impediram de sair do Oriente, para tentar a conquista fatal que imaginaria.

Continua.

**Empresas de Tanger.**

Continuação.

x

Má estrella guiara desde o principio esta empresa dos infantes. Corriam-lhes as coisas sempre tão contrarias, que parecia haver na sorte o capricho de levar ao ultimo extremo do infortunio essa longa cadeia de fatalidades.

Assim pois, em quanto nas tendas dos reis moiros tratava das condições da paz o enviado christão, as hostes sarracenas, que ainda não tinham largado o seu posto ameaçador em frente do acampamento portuguez, tomando a demora por covardia dos seus chefes, e insoffridos por se lhes escapar a vingança, que tanto desejavam saciar, arremettem contra as trincheiras sem ordem, mas com medonha furia.

De todos os assaltos, que os infieis deram ao arrayal dos christãos, nenhum foi tão valente e porfioso como este; em nenhum outro correram tamanho perigo a liberdade e vida dos sitiados.

Durou sete horas o combate, e em cada hora vinham novas phalanges de sarracenos substituir as

que principiavam a fraquejar. E quando viram por fim, que não podiam vencer os portuguezes com o ferro dos seus alfanges e agunias, nem com a immensa raiva, que lhes redobrava as forças, nem com todo o peso de seu excessivo numero, soccorreram-se ao fogo, e lançaram contra as estacadas lenha com alcatrão e outros combustiveis incendiados.

O valor e coragem dos portuguezes passaram por mais esta tão dura prova. Approveu porém a Deus conceder-lhes animo e força para resistir a tão poderoso inimigo. Concorreu bastante para este resultado o bispo de Ceuta, que durante toda a acção, ou combatia nas trincheiras, coberto d'armas como um soldado, ou envolto em suas vestes pontificaes animava uns fallando-lhes na patria e no rei, nas honras e na gloria, e exaltava outros com o nome sagrado de Jesus Christo, e com a promessa da bemaventurança.

Em vez de descanso, depois das grandes fadigas d'este dia, passaram toda a noite os portuguezes a trabalhar com a maior actividade para abrir novos fossos, e plantar novas estacadas, com que encurtassem mais o arrayal do lado da cidade, que já lhes falleciam os braços para guarnecer e defender tão larga cerca de trincheiras. Ninguem se escusou ao trabalho. O infante D. Henrique dava o exemplo, cavando com uma enxada, ou tirando terra dos fossos com uma pá. Ao amanhecer estava a obra concluida.

Era um domingo, 13 de Outubro. Os moiros deixaram n'este dia em repouso aos christãos; mas outros inimigos peiores ainda que os moiros os vieram combater e torturar. Tinham-se acabado na vespera os mantimentos, e o inimigo no continuo apertar do cerco apossara-se de algumas fontes e poços, e lançara animaes mortos nos que havia junto ás estacadas, d'onde os portuguezes já mal se abasteciam. Assim se levantaram no arrayal a fome e a sede com todo o horror de seu vulto sinistro e ameaçador.

Os miseros estavam reduzidos a comer a carne dos cavallos, que iam matando para se alimentarem. Porém nem tinham lenhas para a assar. Com as sellas e albardas, que queimavam, mal aqueciam aquella triste comida; e mais triste ainda pela diminuta ração, que a cada um se repartia, e pelo pouco que prometia durar.

A sede, essa então era abrasadora. Viam-se muitos soldados deitados sobre a terra, onde havia alguma humidade, para a sugarem com seus labios sequiosos. Outros nem já tinham forças para tanto, prostrados e vencidos por aquella dura necessidade. Acudiu-lhe, porém, Deus a este mal, enviando-lhes algumas gotas de agua em chuva pouco copiosa, que pouca como foi a todos den alento e a muitos salvou a vida, ficando ainda alguma provisão d'ella.

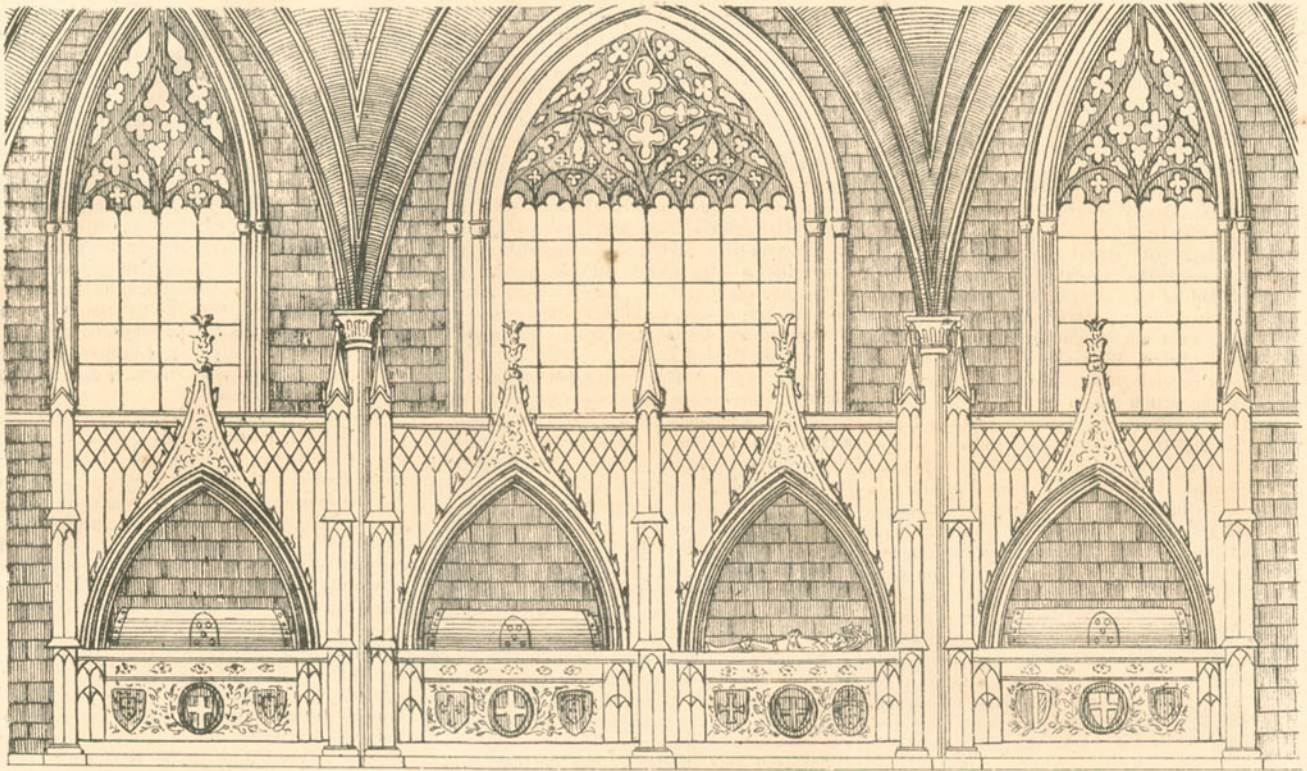
N'esta horrivel situação resolveu-se em conselho, que se empregassem todos os esforços para se ir, pouco a pouco, estendendo o intrincheiramento para o lado do mar, até se conseguir chegar-o, ou, pelo menos, approximal-o da praia, de modo que fosse possível, com o auxilio da arçada, salvarem-se a bordo dos navios.

Por conseguinte apenas anoiteceu, todos se deitaram a esse trabalho com a diligencia e boa vontade, que bem se pode imaginar. Mas pouco se pôdo fazer, porque ao amanhecer foi mister largar, afim de occultar o intento ao inimigo em quanto podesse ser.

xi

Passaram-se os dois dias seguintes, segunda-feira e terça, em novas negociações com os moiros, as quaes só na quarta-feira se concluíram. Accordou-se em que os moiros deixassem ir e embarcar livremente nos navios todos os christãos com seus vestidos somente, e a elles ficasse o arrayal com armas, cavallos, artilharias, e todas as outras coisas, e mais lhe fosse entregue a cidade de Ceuta com todos os moiros captivos, que n'ella estivessem, e que ficassem em paz, a qual se obrigou o infante, que el-rei desse por mar e por terra a toda a Berberia por cem annos. Para segurança dos christãos, e que sem contradicção os deixariam ir, daria Salá Ben Salá um seu filho em poder do infante, e por o dito filho de Salá Ben Salá ficariam em refens Pedro de Attaide,





Capella do Fundador na igreja da Batalha.  
Tumulos dos Infantes

D. Fernando

D. João

D. Henrique

D. Pedro.



O Rhinoceronte ou Abada.





O Acropolis ou cidadella de Athenas.



João Gomes de Acellar, Ayres da Cunha, e Gomes da Cunha; e para segurança dos moiros que Ceuta com os captivos lhe seriam entregues se daria como refens em seu poder o infante D. Fernando.

A condição da entrega do infante D. Fernando em refens, apresentada agora de novo pelos moiros como principal base do tractado, foi o que demorou e dificultou o accordo.

Primeiramente recusou-se o infante D. Henrique a annuir a similhante condição, porque a achava excessivamente aviltante para a corôa de Portugal; e depois, quando se convenceu de que não haveria salvação para os seus, sem que se consummasse mais este sacrificio, quiz por força para si a sorte, que se destinava para seu irmão.

Houve então uma scena muito tocante entre os dois infantes, que a todos commoveu e arrancou lagrimas. Cedeu enfim D. Fernando ante a vontade firme e resoluta d'esse irmão, que juntava a autoridade de mais velho á de seu general. Mas a esta resolução oppoz-se todo o conselho com tão fortes razões, e com tanta energia, que D. Henrique, com bem magoa do seu coração, teve a seu turno de ceder.

Desde esse momento operou-se uma mudança completa no infante D. Henrique. Aquelle rosto, aonde sempre se viam estampadas a serenidade, a confiança, e essa grave alegria, que tanto convem a um chefe; aquelle rosto, aonde os soldados, na hora do infortunio, iam beber uma esperança, e buscar alento, annuiu-se d'improviso, como o brilhante dia da primavera se offusca e tolda de repente sob o negro manto da procella.

O tremendo sacrificio a que pretendia sujeitar-se não lhe era imposto somente pelo amor fraternal. N'esse acto de heroica dedicação era tambem agente um outro pensamento não menos nobre e generoso, qual o de obstar por todos os modos a que a cidade de Ceuta fosse o preço do seu resgate. Quando viu pois, que lhe arrancavam esta derradeira taboa de salvação, a que se apegara o seu affecto de irmão, e o seu amor da patria na hora solemne do completo naufragio da sua empresa, sentiu-se esmagado sob o peso descommunal de uma grande responsabilidade moral; porque era quasi unicamente sua toda a temeridade d'este feito, e sua inteiramente, por causa d'uma fatal confiança, a falta de providencias e cautelas para o caso de um infortunio, como este em que se achavam.

A entrega dos refens deu lugar a uma scena tristissima no arrayal christão. O abatimento moral em que estava D. Henrique deu origem a tão pathetica despedida ao separar-se do infante D. Fernando, que parecia que os dois irmãos davam um ao outro o adeus extremo da vida.

No dia seguinte pela manhã devia effectuar-se o embarque dos portuguezes. Mas n'essa occasião accommetteram-os os moiros com tal sanha, que se viram forçados a permanecer, e defenderem-se dentro dos intrincheiramentos.

O alcaide de Tanger, Salá Ben Salá, mandou desculpar-se d'este procedimento inaudito com a disciplina dos soldados, offerecendo passagem segura para o mar por pé da couraça. Porém novas violencias da soldadesca sarracena, ou talvez nova traição do alcaide, aguardavam ali os miseros portuguezes. Por fortuna o infante D. Henrique poz a provas a fidelidade dos arabes, enviando com intervallos pequenas partidas de doentes e feridos. A maior parte d'estes desgraçados foram victimas d'aquelles barbaros.

Apesar da conclusão do tractado, e da entrega dos refens, achavam-se outra vez os nossos na dura alternativa de se renderem á tyrannia dos seus cruéis inimigos, ou de se deixarem morrer de fome e sede.

No meio de tamanha afflicção só um unico meio de salvamento se apresentava; e era o mesmo que já tinham começado a pôr em pratica, quando o tractado veio interromper os trabalhos. Decidiu-se, portanto, que se cuidasse por todos os modos, e á custa de quaesquer sacrificios, de approximarem pouco a pouco da praia os intrincheiramentos.

Ao cabo de tres dias de insanas fadigas, de continuados combates, e de atrozes necessidades, as trincheiras tocavam allim na praia. E a armada, que estivera quasi a levantar ferro, e partir, jul-

gando a todo o exercito presa do inimigo, apressou-se a enviar a terra todos os seus bateis.

O embarque foi um espectaculo de desolação. Em quanto uma parte da tropa se lançava confusamente nos barcos, poucos e pequenos para accommodar tantos homens, que pretendiam todos ser os primeiros a salvarem-se; a outra parte sustentava o impeto dos moiros, que procuravam estorvar a partida dos christãos. Assim se viu n'um momento juncados de cadaveres o mar e a terra. E os infelizes a quem coube em sorte serem os ultimos a embarcar, ou caíam mortos na praia varados de frechas, e cortados do alfange, ou se afogavam, arremessando-se ás ondas.

Recolhidos a bordo os que tiveram a boa fortuna de escapar de similhante carnificina, fez-se de vela toda a armada; era um domingo, 20 de Outubro de 1437. Tal foi o desgraçado fim da primeira e tão temeraria empresa de Tanger, em que os nossos tiveram, além de grande numero de feridos, quinhentos mortos, perdendo os moiros quatro mil.

XII

O infante D. Henrique mandou que a armada seguisse o rumo de Portugal, menos o seu navio, ao qual fez pôr a proa em direcção a Ceuta.

Envergonhado e extremamente consternado não se atrevia a apparecer diante de el-rei, seu irmão que de tão mau grado consintira n'aquella empresa; nem diante de tantos conselheiros esclarecidos e prudentes, que se haviam opposto aos seus desejos. Permaneceu em Ceuta cinco mezes, nos quaes fez toda a qualidade de esforços para tirar do captiveiro o infante D. Fernando. Só voltou á patria depois de baldadas todas as suas tentativas, e perdidas as ultimas esperanças de o salvar.

El-rei D. Duarte teve uma grande paixão com esta catastrophe. Mandou logo offerecer avultadas sommas de ouro pelo resgate do infante, e assim que soube que os moiros recusavam tudo, quanto não fosse a entrega de Ceuta, convocou immediatamente côrtes em Leiria para que ali se decidisse o que sobre o caso mais cumpria fazer.

As côrtes resolveram que se não entregasse Ceuta; e isto mesmo pedia em todas as suas cartas o infeliz e corajoso infante D. Fernando, dizendo que a sua vida era muito menos importante do que aquella praça.

No fim de quasi seis annos de captiveiro, em que padeceram todo o genero de affrontas, e maus tratos, sendo constrangido aos mais penosos e grosseiros trabalhos, expirou a 3 de Junho de 1433. A constancia, paciencia, e resignação com que supportou tão longo e pesado martyrio, o fizeram conhecido da posteridade pelo epitheto de *infante santo*.

Passados bastantes annos, reinando seu sobrinho el-rei D. Alfonso v, foi o seu corpo resgatado e trazido a Lisboa, onde esteve primeiramente no convento das freiras do Salvador, e d'aqui foi levado com grande pompa ao mosteiro da Batalha, fabrica de el-rei D. João i, seu pae. O tumulo de D. Fernando está na sumptuosa capella chamada *do fundador*, jazigo d'aquelle soberano e de sua familia, apar dos mausoleos de seus irmãos os infantes D. Pedro, D. Henrique, e D. João.

I. DE VILHENA BARBOSA.

#### A cidadella, ou Acropolis d'Athenas.

So de todas as provincias da Grecia foi Attica a mais celebre e fallada na antiguidade, e se ainda hoje é a mais conhecida e procurada dos viajantes, não deve por certo essa distincção e favor aos dons da natureza, mas sim ao trabalho dos homens.

Não foram as suas montanhas calcareas, nem as suas aridas planicies, que inspiraram os poetas, que a cantaram; mas sim o esplendor das sciencias, o brilho das artes, a gloria das armas, os triumphos da liberdade, o subido grau de civilização, finalmente, a que chegou esse povo, que outr'ora a escolheu para centro do seu poder, e sede da sua capital.

Os viajantes, que a visitam, vão em demanda d'esses restos de grandiosos monumentos, que attestam a sabedoria, grandezza, e heroicidade dos an-

tigos gregos, e que a arte moderna se compraz em estudar, e se esforça por imitar.

Aquellas planicies, monotonas, sem a animação dos rios, e sem a belleza das arvores, são memoraveis, todavia, pelas batalhas, que os filhos da antiga Grecia ali pelearam em defesa da patria e da liberdade. São venerandas por incriveis acções de valor, por innumeraveis rasgos de patriotica dedicação, e por mil exemplos de sublimes virtudes sociaes.

E aquellas proprias montanhas, escalvadas e desertas, tem interesse aos olhos do artista, porque das suas entranhas saíram os marmores de que se obraram tantos primores, verdadeiras maravilhas da arte.

A cidade d'Athenas está situada em uma das partes mais tristes e pobres d'essa provincia, a que davam o nome de Attica. Cercada de terrenos estereos, cortados por dois rios, que apenas merecem o nome de regatos, o Ilisso e o Cephiso ou Eridano, parece que houve nos fundadores de Athenas o vaidoso proposito de mostrar quanto podiam a vontade e a perseverança dos homens, pois que conseguiram tansomente pelo seu trabalho fazer d'aquelle migrato e humilde logar o alcaçar da sabedoria, o tabernaculo das artes e do gosto, o centro enfim d'essa civilização tão brilhante, tão completa, com que a antiga Grecia assombrou o mundo.

Nos passados tempos da sua gloria e florecencia tinha esta cidade de circunferencia vinte e duas milhas, e nos seus muros abriam-se treze portas. Entre os muitos bairros em que se dividia, um dos principaes era o Acropolis ou cidadella (1), edificado sobre um alto rochedo.

O Acropolis era como um estojo de joias preciosas; um riquissimo e selecto muzeu das artes; um ponto de reunião dos mais bellos e maravilhosos monumentos, que o genio do homem tem creado até aos nossos dias.

Os Propyleos, vastos e ricos vestibulos da cidadella, os templos de *Erechto*, de *Minerva Poliada*, de *Pandrosa*, e sobre todos o grande templo de Minerva chamado pelos gregos — *Parthenon*, apesar do seu estado de ruinas, surpreendem a admiração, enlevam os olhos, e extasiam a alma de quem os contempla pela primeira vez! (2)

Mr. de Lamartine ficou tão maravilhado diante d'este ultimo monumento, quando visitou Athenas em Agosto de 1832, que fallando d'elle na sua Viagem ao Oriente, expressa-se assim: « este templo dos templos, construido por Setino, ordenado por Pericles, adornado por Phidias; typo unico e exclusivo do bello nas artes da architectura e esculptura; especie de revelação divina da belleza ideal, recebida um dia pelo povo, artista por excellencia, e transmitida por elle á posteridade em enormes pedaços de marmore, que não perecem, e em esculpturas, que hão de viver eternamente. Este monumento, tal como elle era com a reunião e conjunto da sua situação, do seu pedestal, da sua escadaria adornada de estatuas sem rivaes, de suas formos grandiosas, de sua execução acabada em todas as partes, da sua materia, da sua cor, luz petrificada, — este monumento esmaga, ha muitos seculos, a admiração, sem que ella fique saciada. Quando se vê o que eu tenho visto somente, com os seus magestosos fragmentos mutilados pelas bombas venezianas, pela explosão da fabrica da polvora no templo de Moronisi, pelo martello de Theodoro, pela artilharia dos turcos e gregos; as suas columnas em pedaços immensos juncando o seu pavimento; os seus capitulos caidos; os seus triglyphos quebrados pelos agentes de lord Elgin; as suas estatuas levadas nos navios inglezes; o que fica do Parthenon é bastante para que eu conheça, que é o poema mais perfeito escripto em pedra sobre a superficie da terra. O aspecto do Parthenon serve para descobrir, mais do que a historia, a grandezza colossal de um povo. Pericles não deve morrer! Que civilização sobre humana aquella, que encontrou um grande homem para ordenar, um architecto para conceber, um escultor para adornar, estatuarios para executar, obreiros para tallar, um povo para pagar, e olhos para comprehender e admirar um edificio similhante! »

(1) Esta palavra é composta de duas palavras gregas — *Acros*, elevada, e *Polis* — cidade.

(2) O edificio de columnas, que mais avulta na estampa junta, é o Parthenon.



Ligeira sombra do que foi, só grande e opulenta em memórias do passado, Athenas é presentemente uma pequena cidade, apesar de ter sido elevada em nossos tempos ás honras de córte e capital da nova monarchia grega.

I. DE VILHENA BARBOSA.

### O Rhinoceronte ou Abada.

É este animal, depois do elephante, o mais corpulento e forte de todos os quadrúpedes. Os naturalistas classificam-no no genero dos mamíferos, familia dos pachidermes, sob o nome de — *Rhinoceros unicornis*. Em as nossas provincias ultramarinas é geralmente designado pelo nome de *Abada*.

O rhinoceronte tem ordinariamente de comprimento doze a treze pés, e de altura seis a sete. Na extremidade da cabeça, que é bastante comprida, levanta-se-lhe sobre o focinho um chavelho de tres a quatro pés de comprimento, um tanto curvo, e de uma rizeja extraordinaria. Outra especie d'este animal tem por detraz d'este chavelho outro mais pequeno.

A pelle, de cor quasi preta, com mui raros cabellos, é tão espessa e tão dura, que não podem penetrar-lhe o mais aguçado ferro de lança, nem a bala de fusil, por mais perto que se lhe atire. O proprio animal não poderia executar movimento algum, se a natureza não modificasse aquelle inconveniente, dispondo-lhe amplas dobras, ou pregas da pelle em diversas partes do corpo. De sorte que o rhinoceronte está todo coberto de uma cou-raça como as dos antigos guerreiros. O beijo superior é mais comprido do que o inferior, e estendendo-o e move-o o animal tanto á sua vontade, que se serve d'elle para apanhar hervas, e arrancar raizes, que é de que consta o seu sustento. É só no beijo que tem o sentido do tacto. As orelhas são pequenas, e sempre directas, e as pernas mui grossas e curtas, terminam em uma pata fendida em tres dedos armados de grandes unhas.

Os pequenos olhos do rhinoceronte não são dotados de longa vista, mas em compensação possui este animal um olfacto apuradissimo.

Habita o rhinoceronte nos logares humidos e selvaticos do interior d'África, da India, e das ilhas da Sonda. Gosta de se chafurdar nos pantanos, pelo que anda quasi sempre coberto de lodo.

Vive solitario, encontrando-se poucas vezes dois juntos. Não é feroz, mas sim intratavel, pela falta de intelligencia, de sentimento, e de docilidade. Por esta razão o não vemos figurar nas colleções dos domadores de feras.

Raramente accommette a outro animal, pela sua indole pacifica; e tambem raras vezes é accommettido por causa da sua corpulencia, da sua força, e mais ainda em attenção á terrivel arma de que dispõe, e que pelo sitio em que está collocada, proporciona-lhe muitas vantagens tanto para a offensiva como para a defensiva. Não é coisa provada, que seja inimigo irreconciliavel do elephante. Comtudo a opinião d'esta antipathia é muito geral, e antiga. Foi Plinio o primeiro que a apresentou; e parece que o que lhe deu origem foi o uso dos combates de feras entre os romanos, em que ás vezes tomavam parte o rhinoceronte e o elephante, que então se accommettiam e lutavam com singular furia e encarnicamento.

Apesar dos seus habitos pacificos, a fome ou qualquer ataque ou mau trato o enfurecem de repente ao ultimo ponto. Nessas occasiões nenhum outro animal o excede em ferocidade e ligeireza. Corre e salta com inercivel velocidade e presteza, e combate com raiva e coragem. Se o inimigo, que o affrontou, é um elephante, ou algum dos outros grandes animaes da creação, põe toda a sua defesa no chavelho ou ponta, com que a natureza lhe armou o focinho. Se o adversario lhe merece menos consideração, assim que o apanha calca-o aos pés até o matar.

Os caçadores põem o maior cuidado em não atacar de frente o rhinoceronte, tanto pela difficuldade, quasi impossibilidade de o matarem, estando elle em pé; como pelo immenso perigo de serem victimas da sua vingança. Por conseguinte, seguem-lhe de muito longe as pisadas, no que ás vezes andam dias, até o verem deitar-se. Como isto só tem logar nos sitios pantanosos e assombrados

de arvoredo, vão-se chegando pouco a pouco, sempre com muita cautela para não serem vistos nem presentidos, e logo que chegam a distancia de tiro, descarregam as armas ao mesmo tempo, tendo-lhe feito pontaria ao ventre e ao pé das orelhas, aonde a pelle é menos dura, e mais facil de ser penetrada das balas.

Tanto os negros na Africa, como os indios no Indostão entregam-se bastante a esta caça. Comem a carne do rhinoceronte; guardam os intestinos para certos usos medicinaes, a que attribuem muita virtude; fazem alguns utensilios com a pelle; e recolhem as pontas para negocio, as quaes são mui estimadas na Asia, e tem muita extracção para a Europa e America, aonde as artes lhe dão variados empregos. Para Lisboa vem bastantes das nossas provincias d'África com o nome de *pontas de abada*. Apreciam-se muito no ultramar, e ainda ha poucos annos se apreciavam não menos em Portugal as bengalas de unicornio.

Apesar de terem figurado nos espectaculos da Roma imperial alguns rhinocerontes, veiu a ser desconhecido na Europa este animal, apparecendo representado em estampas, em paizes e epochas diversas, sem a mais pequena similhaça com o natural. Desappareceu este erro, quando el-rei D. Manuel, no começo do seculo XVI mandou de presente ao papa, juntamente com outras ricas offrendas, um rhinoceronte, que morrendo afogado nas costas da Italia, foi levado a Roma embalsamado. Ficou porém existindo, e ainda hoje existe em muitas partes, o prejuizo, originario da India, que attribue ao sangue e ás pontas do rhinoceronte virtude efficaz contra o veneno. A este respeito contavam os viajantes menos instruidos mil fabulas e aneddotas tão extravagantes, quão inverosímeis.

I. DE VILHENA BARBOSA.

### Bouddhismo.

#### Conclusão.

Os maiores inimigos da nossa sublime religião na India são, como é facil de ver, as raças brahmanes. Se não fossem ellas, teriam os nossos missionarios, sem grande difficuldade, chamado ao gremio da igreja christã esses povos opprimidos, em cujo coração existem as doutrinas e os instinctos despertados pela propaganda bouddhista que tão bem harmonisam com os preceitos da nossa religião. O unico ponto em que discordam os bouddhistas, vem a ser: crerem firmemente que a sua religião é a unica verdadeira, e destinada a esclarecer um dia o mundo. Essa creença e essa mesma esperanza (mais bem fundada) temos nós tambem; e em vez d'um simples Bouddha, temos Christo, derramando por nós seu sangue no Golgotha, aos olhos de seu divino Pai. Esperando pois—com mais solida razão—que o christianismo hade um dia allumiar o mundo, preparemos o espirito das gerações vindouras a abrir os braços a esses povos selvagens e ignorantes, que hão-de vir prostrar-se aos pés da cruz da nossa redempção.

Segundo Klaproth, o bouddhismo forma uma religião unica e indivisivel. Abel de Rémusat, pelo contrario, afirma que se acha dividida, de maneira seguinte: o bouddhismo primitivo, ou chamanismo, seguido em Ceylão; o bouddhismo reformado, observado na Boukharria, na China, no Japão e na Corea; e o lamaismo professado na Mongolia.

O lamaismo principalmente apresenta extraordinaria similhaça com a religião catholica. Querem os sectarios d'aquelle, que o soberano pontifice, denominado Dalai-Lama, represente Deus sobre a terra; e este pontifice é eleito por um conselho de padres (*lamas*) superiores, que depois da morte d'elle se reúnem em concilio para escolherem successor: tem conventos regulares de homens e de mulheres; e a sua igreja prescreve, como a nossa, orações pelos finados, confissão auricular, rezas aos santos, jejuns, procissões, uso d'agua benta, etc.

Terminaremos este artigo expondo os principios philosophicos que servem de base ao bouddhismo. Segundo os seus livros reputados sagrados, o universo é animado por uma alma *universal*, espirito unico, individualizado sem fim na materia

sob o nome de Adibouddha; e acima d'este espirito unico que comprehende tudo, d'onde tudo dimana, e que tudo absorve, acha-se a Trimourti (trindade) triplice principio da creação, conservação e destruição.

O mundo (estabelecem elles) é habitado por tres qualidades de seres: primeira os *tehamas*, os que se reproduzem pelo nascimento, comprehendendo os homens e os *natas*, ou deuses locais que os julgam, e são assistidos pelos genios do bem, habitando a terra e as regiões atmosfericas, entre o monte Mienmo e os seis ceos dos Devas; segunda, os *roupas*, deuses invisiveis que occupam os dezeseis ceos mais elevados até ao vigesimo segundo do mundo de Brahma; terceira, os *aroupas*, seres immateriaes, invisiveis, que, depois de terem seguido com zelo a doutrina de Bouddha, occupam os quatro ceos superiores, do vigesimo terceiro ao vigesimo sexto. Acima de todos, campeam os Bouddhas que residem no Bon, ou imperio sublime, que cobre os vinte e seis ceos.

A transmissão da alma é admittida como ponto de fé. A alma, ao abandonar um corpo, vae habitar outro: e é n'estes infernos ambulantes que elle se purifica pouco a pouco, até merecer a felicidade suprema. Quando sae da terra onde a trouxe o ultimo corpo que animara, e vae entrar n'esse novo horizonte de quietação e luz, torna-se ali um ente quasi divino que, de quando em quando, desce, á maneira d'um raio de luz, sobre o mundo, e ali procura revelar-se n'algum d'esses entes extraordinarios, que muitas vezes apparecem entre as gerações para cumprirem uma boa missão nas artes, na sciencia, em tudo que o mundo admira, e julga existir a inspiração divina. Até á actualidade, tem apparecido quatro Bouddhas: o ultimo foi Chakiamouni. Antes do fim do mundo hade apparecer outro, que os habitantes de Ceylão nomeiam Maidari, e que está no paralelo do Messias dos judeus: a encarnação d'este novo deus hade ter logar cinco mil annos depois da morte de seu predecessor, isto é no anno de 4457 da nossa era.

Depois do que temos expellido ácerca do bouddhismo, se o zelo na religião christã inspirasse aos homens a idéa de trazer ao gremio da igreja esses povos que, sob principios extravagantes, tendem a adorar o Deus supremo, e acreditam na missão sublime da regeneração: se fosse intentada uma nova cruzada, que, em vez da lança destruidora, levasse a palavra ao centro d'essas tribus ignorantes; que verdadeiro triumpho para a christandade! que riqueza para as paginas dos fastos da nossa igreja!

### O casamento, ou a compra do cavallo.

CONTO.

Eu já tive cem moedas  
No fundo de uma gaveta:  
Quantia, por certo, grande  
Para quem não é forreta.

Possuindo este peculio  
Nem jantava, nem dormia;  
Que o maldito do dinheiro  
Peso enorme me fazia.

Qual sargento co'os soldados  
Punha em fileira os dobrões:  
Contava-os e recontava-os  
Manhãs, tardes e serões.

Nem d'elles um só instante  
Podia os olhos tirar:  
Cuidados como então tive  
São capazes de matar.

Não que o vicio da avareza  
Seja o meu; pelo contrario  
Como logo os gastaria  
Era todo o meu fadario.



Levava em gosto casar-me  
Com uma moça de truz ;  
Mas também tinha appetite  
Em um cavallo andaluz.

Ou a moça, ou o cavallo :  
Era forçoso escolher ;  
Que estes dois trastes de luxo  
Nem sempre se podem ter.

Se me caso (discorria)  
Co'essa que de amor me mata,  
Gosarei de seus encantos ;  
Mas tenho que andar á pata.

E o peor é que adeus gaudio  
E folgança de solteiro :  
Fecho as portas ao namoro ;  
Tenho albarda, sou sendeiro.

Ver-me-hão por essa cidade  
Não andar como eu quizer ;  
Mas mui circunspecto, dando  
O braço a minha mulher.

De hymeneu nas santas aras  
Jurarei como um boleima  
De soffrer-lhe toda a vida  
Caprichos, mau genio e teima.

E após isto uma enxurrada  
De desejos e appetites :  
Ora quer ir ao theatro ;  
Ora a bailes e a convites ;

Ora, parada ante a loja  
De um ourives, já não passa  
Sem comprar a filigrana,  
Ou o anel que faz negaça.

E na casa da modista  
Inda bem não mette os pés  
Quer mantas, toucados, lenços,  
Cassas, fitas, bobinés.

Quer chapeos de palha e seda  
E um cabeção e um regalo...  
Santo Deus, que labyrintho !  
Antes, antes o cavallo.

O cavallo é coisa bella !  
Co'elle fazendo estropeada  
As moças darei rebate  
Galopando na calçada.

Correrei toda a cidade,  
Sem deixar rua, nem beco ;  
Obterei altas fortunas,  
Que n'isso não sou eu peço.

Em procições, em paradas,  
Em concorrências, em feiras  
Farei guerra a quantas tope,  
Quer casadas, quer solteiras.

Gosarei de amor os mimos  
Não preso, que é coisa atroz ;  
Antes á solta, girando  
No meu andaluz veloz.

Mas, emfim, porque acertada  
Pretendo a escolha fazer,  
Vejamos também as contras  
Que o cavallo pode ter.

Co'elle a cabeça exponho,  
Quando cair aconteça ;  
Mas casando-me em que riscos  
Tambem não trago a cabeça ?!

O bruto pode ter manhas ;  
Ser velhaco, rebellão ;  
Dar coices té nas estrellas ;  
Desboccar-se, ser ladrão.

Porém todas estas prendas  
A mulher ás vezes tem...  
Inda por mais um motivo  
O cavallo me convém.

Este se vende, ou se alborca,  
Quando velhaco e ruim :  
A mulher não tem saída,  
Que o quiz o diabo assim.

F. E. LEONI.

#### Que fizeste !

Casta diva, que fizeste !  
Essa flor que tu me deste  
Dize ; onde a foste buscar ?  
Acaso foste, ó Arminda,  
Ao pé ceifal-a, tão linda,  
Quando ainda  
Estava a desabrochar ?

Para que tu, feiticeira,  
Foste arrancar á roseira  
Esta tão bonita flor ?  
Sabias, tu, se esta rosa  
Não tinha também ditosa,  
Melindrosa,  
O seu ardente amador ?

Ella, gentil, na roseira  
Ostentava-se fagueira  
Com encanto e formosura ;  
Porém, agora, a lindinha,  
Viver não pode sósinha,  
E definha  
Oppressa pela amargura.

Não vês como, abandonado,  
Longe da patria exilado,  
Vou pouco a pouco finando ?  
Pois assim esta bonina  
Tirada ao pé, mui divina,  
Pequenina,  
Vae pouco a pouco finando.

Olha, vê-a ? marcescindo,  
Vão suas pet'las caindo,  
E perdendo todo o olor !  
Coitadinha, sem alento,  
Qual eu, sem ter acalento,  
N'um momento  
Perde todo o seu primor.

Qual a sultana, orgulhosa,  
Reclinada mui vaidosa  
No voluptuoso coxim,  
Assim a rosa ostentada,  
Pelo favonio embalada,  
Namorada,  
Mostrava a côr de carmim.

Mas agora, qual donzella,  
Que meiga, pura e singela,  
Violou as leis do pudor,  
E, depois, pranto vertendo,  
Vae seus encantos perdendo,  
Fenecendo,  
Assim fenece esta flor !

Assim perde a primasia,  
Belleza e galanteria  
Com que ledta se afagava ;  
Todo o verdor e frescura,  
Ingenuidade e candura  
Com que pura  
Ella n'haste se mostrava.

E, tu, és a causadora  
D'ella tão encantadora  
Todo o seu brilho perder,  
De perder de todo a vida  
Quando já era, querida,  
Tão garrida  
N'aurora de seu viver !

Mas bem sei, fagueira virgem,  
Qual a verdadeira origem  
Que te fez assim obrar :  
Viste bocejar, donosa,  
Esta florinha viçosa,  
Anciosa  
Tu m'a quizeste offertar.

Porém, olha, eu te agradeço  
Tal offerta, e reconheço  
Cada vez mais teu amor ;  
Mas não qu'ria, virgem pura,  
Fosses cruel e tão dura  
Com a pura,  
Gentil e engraçada flor.

Porém que vejo !... descendo  
Por tuas faces correndo  
Linda per'la argentea e clara !...  
Não chores, não, vida minha ;  
Tens pena já da florinha  
Que definha...  
Mas é tarde agora, ó cara !

Agora que vale o pranto ?...  
Com elle tu, meu encanto,  
Não podes vida lhe dar...  
Em recompensa amorosa  
Iremos nós d'outra rosa  
Magestosa  
A sua planta regar.

Rio de Janeiro, 1858.

JOÃO DANTAS DE SOUSA.

A acção contra as violencias e as injustiças é eterna. — Bossuet.

Os padres de illustração, e sã virtude, á similhaça da estrella do oriente, servem de guia ao homem na peregrinação da vida.

Ninguem julgue pelas apparencias, comedia-drama em tres actos, por Alfredo Hogan. . . . .	360
A tarde, entre a murta, alta comedia em 3 actos, por João d'Aboim . . . . .	240
Os Dissipadores, comedia em 4 actos, por Alfredo Hogan . . . . .	400
29 ou Honra e Gloria, comedia de costumes militares, em 3 actos, offerecida a S. M. El-Rei o Senhor D. Pedro v. por José Romano . . . . .	360
É melhor não experimentar, comedia em 1 acto adoptada á scena portugueza, por A. Hogan. . . . .	200
A Pobreza envergonhada, drama em 5 actos com prologo, por José da Silva Mendes Leal Junior . . . . .	480
Poesias de Mendes Leal (Antonio)	
Lições para maridos, comedia em 3 actos, por Antonio Pedro Lopes de Mendonça . . . . .	400
Amor virgem n'uma peço d'ora, comedia em 1 acto, por Balhão Pato . . . . .	160